

A Missão das Academias e o Apoio da Sociedade

Artur Eduardo Benevides

(No dia 15 de agosto de 1979, a Academia Cearense de Letras comemorou solenemente 85 anos de fundação e homenageou, na oportunidade, o Governador Virgílio Távora, o economista Nilson Holanda e o bibliófilo e pesquisador José Bonifácio Câmara, concedendo-lhes o título de Acadêmicos Honorários. Na sessão magna que então se realizou, o Acadêmico e Professor Artur Eduardo Benevides proferiu o discurso que aqui vai transcrito — (Agradeceu a homenagem o Governador Virgílio Távora).

Não foi ainda suficientemente esclarecido ou historicamente justificado o surto neo-academicista que se registrou no Brasil, entre 1894 e 1920, coincidindo com a visão positivista e evolucionista do final do século, o espírito galante e festivo da *belle époque*, fase sincretista ou pré-modernista da nossa Literatura e os clarões da Primeira Guerra Mundial trazendo de volta a idéia de criação de academias literárias e científicas, tal como ocorrera no virtuosismo classicista do século dezoito, chamado por De Maistre de *século vazio*. A verdade é que as arcádias ou academias — e lembramos a dos Felizes, a dos Seletos, a dos Esquecidos e a dos Renascidos — tiveram origem áulica ou palaciana e se perderam pela preocupação das louvaminhas aos vice-reis, salvando-se, contudo, algumas iniciativas que movimentaram, de alguma forma, a vida literária. Na dos Esquecidos, em Salvador, tivemos a presença do poeta Gonçalo Soares da Franca e do historiador Sebastião da Rocha Pita. Já na dos Seletos, no Rio de Janeiro, surgiram alguns trabalhos que seriam compendiados

nos *Júbilos da América*, publicados em Lisboa e contendo as líras jesuítica, beneditina e carmelitana, com alguns versos em louvor do general Gomes Freire de Andrade, que valorizava o seu comando com gestos de benemerência. De um modo geral, no entanto, em que pese à opinião em contrário de argutos pesquisadores da Literatura, a produção acadêmica foi frágil, representando, é claro, um estilo de época, irrecusavelmente transitório e medíocre.

No último decênio do século XIX, porém, quando já se destacavam os romancistas do realismo e do naturalismo e os poetas parnasianos e simbolistas, ressurgiu, com as naturais transformações impostas pelo tempo, o ideal acadêmico, que viria dar feição nova ao mundo literário, sobretudo em relação às Províncias, que se descentralizavam. E tivemos, então, um fato significativo a assinalar: o movimento das novas Academias tem início na cidade de Fortaleza, que também seria palco, na segunda metade do século, de dois notáveis episódios da vida cultural do País: a Academia Francesa do Ceará e a Padaria Espiritual.

Na cidade de Fortaleza, na noite de 15 de agosto de 1894, os intelectuais e a sociedade de então reuniram-se no salão da Fênix Caixeiral e criaram, por iniciativa do Barão de Studart, a Academia Cearense, tendo como fundadores figuras do porte de Justiniano de Serpa, Farias Brito, Tomás Pompeu, Antônio Bezerra, Padre Valdivino Nogueira, Henrique Théberge, Virgílio de Moraes, Eduardo Salgado, Pedro de Queirós e outros.

O Ceará, mais uma vez, mostrava-se pioneiro, numa iniciativa que iria florescer de modo global, em relação ao País. Era o primeiro Estado a criar uma Academia de Letras, inspirado, talvez, no exemplo maior da França, cuja gloriosa Academia, fundada pelo Cardeal Richelieu, espalhava luzes universais. Adotando como lema a divisa de Lord Beaconsfield — *Forti nihil difficile*, proposta por Tomás Pompeu, o novo órgão viria a fundir-se, em 1951, com a Academia de Letras do Ceará, daí surgindo a atual Academia Cearense de Letras.

Fato digno de especial menção: somente três anos depois do importante evento cultural, nasceria a Academia Brasileira de Letras, cujos trabalhos seriam coordenados por Machado de Assis, um dos pólos do romance nacional.

Aos cearenses coube, assim, a primazia da idéia. E a nobre Instituição, resistindo às condições precárias e negativas do meio, manteve-se, até hoje, em luminosa trajetória, cumprindo, sobre percalços contínuos e dificuldades inúmeras, o destino de célula-mãe da inteligência do Ceará. Como Academia, não poderia deixar de ser, por imperativo filosófico, uma entidade conservadora, cultuando tradições e perenizan-

do a memória de homens e de fatos que engrandeceram o nome Cearense. Nunca, porém, mostrou-se hostil aos movimentos jovens ou ao clangor rebelde das vanguardas. E a prova mais eloqüente está na eleição, para os seus quadros, dos participantes do Grupo CLÁ, o maior movimento de renovação literária do Ceará, neste século, como antes ocorrera a poetas e escritores ligados aos grupos Maracajá e Cipó de Fogo, estes incendiados pela chama reformista da Semana de Arte Moderna, que aqui chegava com atraso.

Dispondo, hoje, de sede própria, num prédio histórico, cedido pelo Governo do Estado, a Academia vem realizando, de forma brilhante, os seus altos propósitos, expressos, em 1894, nas seguintes linhas de ação: promover o exame das doutrinas ou questões literárias e científicas; acompanhar o movimento intelectual dos povos cultos; alargar a esfera do ensino primário, secundário e superior do Ceará; fomentar o gosto artístico e literário por todos os meios ao seu alcance.

A ninguém é lícito negar o papel de grande significação cultural desempenhado por ela na vida cearense, de sua fase inaugural aos nossos dias. A mais antiga instituição de letras do Brasil dá, nesse sentido, admiráveis exemplos de fidelidade aos ideais com que procura valorizar a missão do espírito ao longo da História. E a inteligência do Ceará muito lhe deve, pelo que de sério e digno realizou, visando ao aprimoramento das letras e das artes.

Ao contrário de muitas entidades congêneres, não se fechou às vozes e aos apelos do tempo, não se manteve indiferente à problemática existencial do homem, nem se omitiu diante das necessidades do povo do Ceará. Esteve sempre atenta às reivindicações coletivas no campo da educação e da cultura e promoveu, de todas as formas possíveis, os meios indispensáveis ao fortalecimento das nossas tradições mentais. E assim chega aos oitenta e cinco anos de sua fundação, contando com o respeito e a admiração do Povo do Ceará.

E, para dar maior ênfase à gloriosa efeméride, deliberou conceder o seu maior título honorífico a três eminentes personalidades que lhe prestaram desinteressada ajuda e lhe deram apoio, por diferentes modos, no sentido de vir a atingir os seus objetivos. E é com justificado júbilo e sentimento de gratidão que homenageia, em sua data magna, o Governador Virgílio Távora, o economista Francisco Nilson Craiveiro de Holanda e o bibliófilo e pesquisador José Bonifácio Câmara, que sempre lhe demonstraram cativante apreço, atendendo aos reclamos e aspirações da Ilustre Companhia.

Virgílio Távora, filho do inesquecível Acadêmico Manuel do Nascimento Fernandes Távora, cujo vulto resplandece, na nossa saudade, por sua grandeza intelectual e moral, é um

ilustre e diligente servidor do povo, nos altos cargos que vem desempenhando com dignidade.

Nilson Holanda, homem de estudos econômicos, mas sensível aos problemas da cultura humanística, foi um dos mais solícitos colaboradores que tivemos, quando na presidência do Banco do Nordeste.

José Bonifácio Câmara, espírito nobre e inteligência plástica, nunca faltou à Academia, ajudando-a no enriquecimento de seu acervo e na realização de seu programa de promoção cultural.

Aos três, *par droit de conquête*, é concedida essa láurea acadêmica, o que os torna partícipes da nossa corporação, ligando-se, mais ainda, aos destinos desta Casa que tudo faz no sentido de que o Ceará possa continuar a oferecer à Literatura Brasileira o contributo de suas criações e pesquisas nos domínios do romance, do conto, da novela, da crônica, do teatro, do ensaio, dos estudos sociais e lingüísticos, da poesia e das investigações da História, mesmo que as seculares dificuldades financeiras sirvam de entrave a uma projeção maior do nosso nome. E foi para isso, em última análise, que os nossos homenageados colaboraram conosco, pois tinham, como têm, a consciência de sua missão em face da cultura.

Membros honorários desta Casa serão, pois, a contar de agora, Virgílio Távora, Nilson Holanda e José Bonifácio Câmara, o que ocorre não apenas em reconhecimento de obséquios recebidos, mas sobretudo e principalmente por honra ao mérito e espírito de justiça. O Governador bem o merece, mas o tributo da nossa admiração é prestado também ao homem Virgílio Távora, que aprendeu bem cedo, das sábias e inesquecíveis lições paternas, a cultuar os valores perenes. E o mesmo se aplica a Nilson Holanda e a José Bonifácio, que sempre procuraram estimular as atividades literárias, na convicção de que é delas que têm surgido, no decurso da História, os motivos mais fortes de inspiração e de honra do povo cearense.

Realmente, de que nos orgulhamos mais: da nossa luta incessante e heróica contra os flagelos do destino? Da nossa determinação de resistência aos desastres cíclicos da natureza? Das características psicossociais resultantes dos processos de miscigenação, aculturação e adaptação à terra? Dos episódios abolicionistas, que não teriam, na ótica interpretativa de Yaco Fernandes, nenhum lance épico que os consagrasse? Em algumas glórias militares? Ou no grande prestígio nacional representado pelo nome de um Alencar, de um Capistrano, de um Clóvis, de um Farias Brito, de um Araripe Júnior, de um Franklin Távora, de um Juvenal Galeno, de um José Albano, de um Domingos Olímpio, de um Oliveira Paiva,

de um Adolfo Caminha, de um Heráclito Graça, de um Gustavo Barroso e de outros que permanecem, altaneiros, no mosaico da cultura do Brasil?

O Ceará, ele próprio, é um desmentido flagrante às teorias que subordinam o desenvolvimento intelectual ao econômico. Se tal se dera, como poderíamos ter oferecido ao País o maior romancista romântico das Américas, a figura mais expressiva do naturalismo, o mais penetrante historiador, o jurista mais consagrado, o filósofo mais alto e um dos mais eminentes críticos literários de todos os tempos? A prevalecer a hipótese da teoria, o Brasil seria menor, espiritualmente, pois teria faltado ao seu progresso o milagre da seiva cearense, decorrente da nossa vocação histórica de pioneiros e de construtores de templos e de estradas no espírito nacional.

E tudo isso se eleva, como uma luz, da literatura que temos produzido e estamos a produzir; da ação criativa de órgãos culturais como a Academia; do trabalho solitário de seus grandes poetas e prosadores. Daí por que uma instituição assim está mais jovem ao completar oitenta e cinco anos de existência. Anima-a um ideal superior e a ele ela se entrega em plenitude, por ter, como tem, um múnus a cumprir. E os resultados, mesmo obtidos com dificuldades, às vezes sob o escárnio dos poderosos, têm sido os melhores possíveis, como legítimas oferendas à glória do Ceará e de seu povo.

A literatura é, realmente, a grande expressão estético-existencial do homem, traduzindo o que de eterno, de efêmero, de belo, de fungível, de heróico, de angélico ou de satânico existe na condição humana. Os poetas, por vezes tão desmerecidos neste País, são, ao lado dos prosadores, os legítimos intérpretes do ser e do mundo, as vozes que se erguem, soberanas, para exprimir, com autenticidade, os sentimentos, as aspirações, os sonhos, os temores, os dramas e as fantasias de todas as épocas sendo, eles próprios, a face e coração dos povos.

Só os néscios podem ser contra a poesia, mesmo porque ignoram a obrigação moral do apego aos livros, referida por Schopenhauer. Só as pessoas de diminuto nível intelectual não prestigiam as manifestações literárias e artísticas, que nascem daquele "gênio da recordação", mencionado por Kierkegaard, mesmo que T. S. Eliot negue a existência do passado em arte.

Difícilima, e nem sempre compreendida, é a missão do poeta, essa categoria englobando, pelo étimo grego, todos os que criam, no mundo das letras, aqueles que procuram harmonizar, na obra criada, o seu mundo interior e pessoal com o mundo social e histórico que se processa à sua volta, num tempo e espaço visíveis. Os poetas são a consciência de sua

gente e de sua época e encontram os seus grandes temas e as alegorias da verdade naquela faixa que se acha entre eles e a sua condição de seres individuais e universais. Como diz Ortega y Gasset, "Yo soy yo y mi circunstancia, y si no la salvo a ella no me salvo yo".

Os poetas salvam-se através do poder maravilhoso e ca-tártico da palavra, que repete, no plano do homem, as maravilhas do Gênesis, ampliando ou renovando a vida. Pouco importam as diferenças de escolas e as querelas estilísticas para explicar o fenômeno da mensagem e da linguagem literárias. Deixemos de lado as teorias de Saussure, de Von Humboldt, de Bally, de Karl Vossler, de Leo Spitzer, de Croce, de Austin Warren, de René Wellek, de Wolfgang Kaiser, de Roland Barthes, de Greimas, de Cassirer, de Jakobson e tantos outros que procuram interpretar as manifestações da cultura no território das formas de expressão falada e escrita. A nós, também, pouco interessam os processos de julgamento da crítica conservadora, da crítica impressionista, da *nouvelle critique*, do *new-criticism*, do estruturalismo, do formalismo e *tutti quanti*. O que importa, e muito, é que, no contexto do tempo e do espaço, fiéis à sua vocação e ao seu destino, os escritores continuem a criar, indiferentes às lutas teóricas ou críticas sobre a *praxis* literária, o fazer poético. Afinal, no universo da literatura, há lugar para todos, sejam clássicos ou românticos, apolíneos ou dionisíacos.

As perspectivas e coordenadas, nesse tocante, são mais numerosas que as estrelas. Se há, por exemplo, um realismo ortodoxo e linear, existe, por outro lado, um realismo psicológico, um surrealismo, um realismo mágico ou um realismo metafísico. Se temos um Alencar, com ênfase hiperbólica e metáforas claras, temos um Machado, a disfarçar sua dor na ironia de um estilo ático. Se surge um Graciliano, telúrico e social, surgirá também um Guimarães Rosa, mítico e universal. Se ocorre a poesia de um Bilac, estuante de expressões sinestésicas e sensuais, há um Carlos Drummond de Andrade, com sobriedade ascética, a captar o sentimento do mundo. E todos são autênticos, na sua exata dimensão estilística, temporal e estética. Os poetas e escritores criam múltiplos caminhos e faces no que escrevem, e buscam traduzir o visível e o ausente, o real e o imaginário, o fugaz e o eterno, o sagrado e o profano, quer se chamem Homero, Dante, Camões, Cervantes, Proust, Goethe, Rilke, Kafka ou Joyce e tenham como tema o heroísmo, o amor, a morte, o tempo, o sofrimento, o delírio, o êxtase, o absurdo e a realidade perceptível e subjacente. Afinal tudo, em nossa vida, dela extravasando para a arte, é sonho, transcendência, névoa, esperança, vigília, paixão, luta, desespero, réquiem, ou aquela agonia referida por

Unamuno, e só a literatura é capaz de fixar, para a eternidade, a glória e o declínio da vida. Como escreveu Shakespeare:

“..... We are such stuff
As dreams are made on, and our little life
Is rounded with a sleep”.

E só a Poesia pode captar e exteriorizar esse sono envolvente referido pelo mestre de Strafford-upon-Avon e que constitui um mistério perene, sob o qual caminha o homem, bíblicamente, num desolado vale de lágrimas. Esse mesmo homem que Pascal chamou de “caniço pensante” e Nietzsche definiria como “uma corda sobre o abismo”.

Bastaria isso para se ter sempre presente a importância da literatura. E as doutrinas e teorias só servem, na realidade, para rejuvenescer o processo cultural, dando-lhe novas concepções formais. E porque é possível uma coexistência pacífica nessa área, área da inteligência criante e do espírito transfigurador e múltiplo, as Academias acolhem a todos, indistintamente, exigindo apenas, como valor supremo de sua escolha, a qualidade da obra produzida. Daí o mérito, irrecusável, das instituições acadêmicas, que funcionam sob a flâmula da paz e da concórdia, inspiradas em grandes ideais poéticos e possuídas da convicção de que duradouro é o seu destino. Afinal, como adverte, com alta sabedoria, o Ecclesiastes, “fazer livros não tem fim”.

Para que haja, no entanto, uma produção literária incessante e válida, necessário é que os poetas e escritores recebam o incentivo de seus contemporâneos. Não que o critério seja rigoroso e absoluto, pois o ato de criar exige apenas solidão. Mas é muito importante que haja lá fora o reconhecimento e o estímulo da comunidade, ao lado da crítica sensata e construtiva. E órgãos como a Academia servem para promover o apoio da sociedade àqueles que exerceram, exercem ou exercerão o ministério das letras, ou a missão de agentes do processo cultural, o que nem sempre é fácil, em virtude de numerosos fatores negativos.

No Brasil, as entidades desse tipo encontram, quase sempre, dificuldades incomuns. Continuamente nascem e morrem grupos literários, fecham-se associações, fracassam editoras, extinguem-se prêmios e incentivos, encerra-se a publicação de revistas e o preço do livro se eleva por força de taxas e impostos que incidem sobre a mercadoria intelectual.

Malgré tout, o desenvolvimento cultural prossegue, pois o sonho dos poetas sempre foi mais forte do que o desinteresse dos príncipes e reis.

Abençoados sejam, pois, aqueles que nos ajudam, partindo do pressuposto de que servir à Academia é servir ao Ceará. E por isso os Srs. Virgílio Távora, Nilson Holanda e José Bonifácio Câmara são agraciados no momento em que a mais antiga instituição acadêmica do Brasil reúne-se para reverenciar aqueles que há oitenta e cinco anos tiveram a inspiração de fundá-la em Fortaleza.

Aos ilustres homenageados a nossa palavra de louvor e de respeito. Quanto a nós, saberemos dar prosseguimento à missão que a Academia desempenha no quadro geral da cultura brasileira. Ela jamais será aquela estranha poltrona da narrativa de Júlio Cortázar, em que se pessoas se sentavam para morrer. Ao contrário, é um órgão atuante, participante, dinâmico e galvanizador. Uma central de cultura. Um instrumento ativador da vida literária e da produção intelectual, funcionando como uma luz nos caminhos do povo cearense, que nasceu para cumprir, diante do mundo, um destino maior e transcendente.